



BIODIVERSIDADE

Pouco mais de mil espécies representam metade das árvores tropicais do planeta, aponta estudo

Publicada na revista *Nature*, estimativa é de que 2,24% das espécies arbóreas da Amazônia, África e Sudeste Asiático correspondam a 50% dos 800 bilhões de árvores do bioma tropical

23 de fevereiro de 2024

André Julião

4 min. de leitura

A- A+



Foto: Brenda Cunha Pereira | Wikimedia Commons

A imensa maioria das cerca de 46 mil espécies de árvores tropicais é extremamente rara, não passando de 10% dos indivíduos desse bioma. Por outro lado, metade das árvores dos trópicos pertence a apenas 1.053 espécies (ou 2,24%). As estimativas foram apresentadas em artigo **publicado** na revista *Nature*, assinado por um consórcio internacional de pesquisadores, incluindo um brasileiro apoiado pela FAPESP.

“As espécies dominantes têm papel fundamental na estrutura da floresta. Elas proveem recursos para outras plantas, fungos e animais. Uma das contribuições do estudo foi apontar algumas poucas espécies que representam uma grande parte dos indivíduos. Com isso, podemos fazer medições e ter estatísticas mais confiáveis de como o ecossistema funciona”, explica **Bruno Garcia Luize**, que realizou o trabalho como parte de seu pós-doutorado no Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (IB-Unicamp), com **bolsa** da FAPESP.

Os autores utilizaram bancos de dados públicos sobre a composição de porções de floresta na Amazônia, África e Sudeste Asiático. Normalmente com um hectare, essas áreas são chamadas de parcelas. Uma parte das parcelas amazônicas analisadas no estudo foi estabelecida e teve os dados incluídos nos bancos de dados por Luize, durante o mestrado no Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, e no doutorado

no Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (IB-Unesp), em Rio Claro, também com **bolsa** da FAPESP.

No total, 1.097 parcelas na Amazônia, 368 na África e 103 no Sudeste Asiático foram analisadas, totalizando uma amostragem de pouco mais de 1 milhão de árvores com diâmetro de pelo menos 10 centímetros em grandes maciços florestais. Do total de árvores, 93,3% foram identificadas por espécie.

"Na Amazônia, estamos bem avançados nessas redes de inventários florestais colaborativos, que possibilitam fazer inferências e extrapolações como essa. Com os dados de outras florestas tropicais, temos agora uma dimensão mais global", conta o pesquisador.

Hiperdominantes

Além de determinar a porcentagem de espécies hiperdominantes, como são chamadas as que compõem metade dos indivíduos de cada floresta tropical, os pesquisadores conseguiram determinar os nomes das mais prováveis de serem as mais comuns em cada uma das áreas analisadas.

Na Amazônia, por exemplo, algumas das possíveis hiperdominantes identificadas foram o matamatá (*Eschweilera coriacea*), com casca grossa e que pode chegar a 35 metros de altura; duas espécies de açai (*Euterpe oleracea* e *E. precatoria*), conhecido pelo fruto e pelo palmito bastante consumidos no Brasil; e o parapará (*Jacaranda copaia*), única espécie de jacarandá amplamente distribuída na Amazônia.

Entre as árvores amazônicas, as hiperdominantes são 2,2% das espécies. As mesmas proporções foram observadas na porção coberta de floresta tropical do continente africano, nas partes oeste, central e leste (2,2% das espécies representam 50% de todas as árvores), e no Sudeste Asiático, do Myanmar, no oeste, a Sulawesi, no leste da Ásia (2,3%). A consistência na proporção de espécies hiperdominantes chamou a atenção dos pesquisadores por indicar uma quantidade razoável de espécies que podem ser mais bem conhecidas em curto a médio prazo.

Segundo as estimativas, 299 espécies compõem 50% dos 344 bilhões de árvores presentes na Amazônia. Na parte tropical do continente africano, são 104 espécies compondo metade dos 113 bilhões de árvores tropicais em dosséis fechados. Para o Sudeste Asiático, os pesquisadores chegaram ao número de 278 espécies responsáveis por metade dos 129 bilhões de árvores.

Luize ressalva que não entraram no estudo outras florestas tropicais, como a Mata Atlântica e a floresta de Chocó, na América do Sul, além de dados da América Central, Nova Guiné e Micronésia, não disponíveis durante a execução do estudo. Uma estimativa mais robusta será possível, conta, quando essas regiões forem incluídas.

O pesquisador lembra, porém, que o levantamento traz importantes indicações de espécies que podem ser foco de estudos de autoecologia, em que se analisa como interagem com outras espécies e o ambiente.

"Isso sem contar estimativas de armazenamento de carbono dessas árvores, informação essencial para os cálculos de emissão e captura dos gases de efeito estufa responsáveis pelas mudanças climáticas", explica.

Segundo Simon Lewis, professor da University College of London e um dos coordenadores do estudo, focar em algumas centenas de árvores comuns, em vez dos milhares de espécies sobre as quais não se conhece quase nada, pode possibilitar novas maneiras de entender as florestas tropicais.

"Isso não quer dizer renegar a importância das espécies raras, elas precisam de atenção especial para serem protegidas. Porém, ganhos rápidos e importantes em conhecimento devem vir das pesquisas sobre as espécies mais comuns", disse o pesquisador em um informe à imprensa.

Coordenado por pesquisadores da universidade britânica, o trabalho tem 356 autores. Além de Luize, participaram pelo Brasil cientistas do Inpa, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), da Universidade de São Paulo (USP) e Unicamp, além de universidades e institutos de pesquisa federais e estaduais em Estados amazônicos e em outras regiões do Brasil.

O artigo *Consistent patterns of common species across tropical tree communities* pode ser lido em: www.nature.com/articles/s41586-023-06820-z.

Fonte: [\(\(o\)\)eco](https://www.nature.com/articles/s41586-023-06820-z)

Gratidão por estar conosco! Você acabou de ler uma matéria em defesa dos animais. São matérias como esta que formam consciência e novas atitudes. O jornalismo profissional e comprometido da ANDA é livre, autônomo, independente, gratuito e acessível a todos. Mas precisamos da contribuição, dos nossos leitores para dar continuidade a este imenso trabalho pelos animais e pelo planeta.

Faça uma doação

[Comunicar erro](#)

COMENTÁRIOS

0 comentários



Adicione um comentário...

[Plugin de comentários do Facebook](#)

VOCÊ VIU?

CAUSA DE INCÊNDIOS



Aumento alarmante da seca do solo afeta um terço do mundo, revela estudo

SURTO DE DENGUE



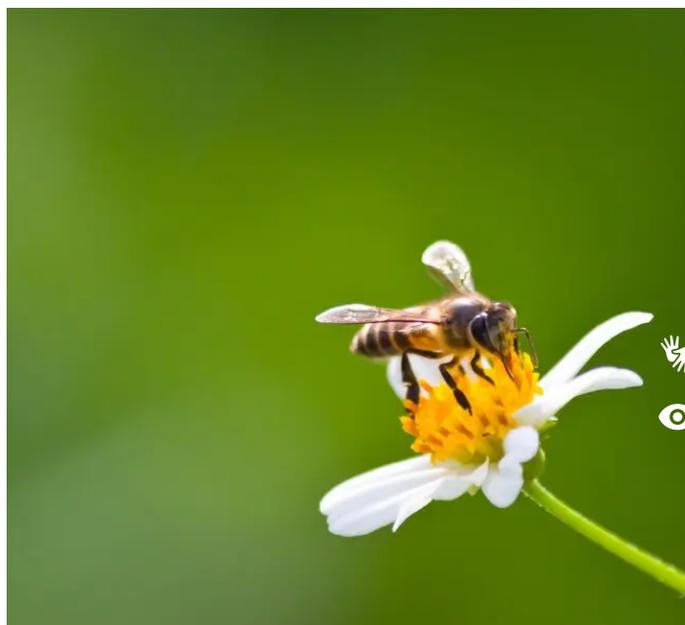
EMERGÊNCIA CLIMÁTICA



Cidade do Acre pode ser a 1ª na Amazônia a mudar de lugar devido a emergência climática

EQUILÍBRIO DO ECOSISTEMA





Mudanças climáticas devem aumentar transmissões de zika e dengue

O que aconteceria se os insetos fossem extintos do mundo? Entenda a importância desses pequenos animais



IR PARA O TOPO

SOBRE A ANDA

- [Apresentação](#)
- [Princípios](#)
- [Vídeo Institucional](#)
- [Depoimentos](#)
- [Glossário](#)
- [Equipe](#)

CONTEÚDO

- [Notícias](#)
- [Artigos](#)
- [Destaques](#)
- [Entrevistas](#)
- [De olho no planeta](#)
- [Videos](#)
- [Ética Animal](#)
- [Você é o Repórter](#)
- [Histórias Felizes](#)
- [Receitas Veganas](#)

COLABORE

- [Defensores ANDA](#)
- [Doações](#)
- [Saiba como colaborar](#)
- [Vitrine Ética](#)
- [Divulgue a ANDA](#)

[Parceiros](#)

[Contato](#)

[Guias para download](#)

[POLÍTICA DE PRIVACIDADE](#)

[POLÍTICA DE COOKIES](#)

[CONTATO](#)

faleconosco@anda.jor.br

[CRIAÇÃO](#)

Dokoro

[DESENVOLVIMENTO](#)

Felipe Saldanha

[ONDE ESTAMOS](#)



© 2008–2024 ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais

A ANDA faz parte da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD)

Silvana Andrade, presidente da ANDA, é conselheira da UNESCO SOST Transcriativa e membra do Fórum Global de Segurança Alimentar e Nutrição